

Lusismos e galeguismos em espanhol.

Uma revisão dos dados

Fernando Venâncio

Universidade de Amsterdam

São pouco numerosos os estudos sobre os *lusismos* e *galeguismos* do espanhol. E, até hoje, só o artigo *Lusismos*, de Gregorio Salvador (1967), expôs detidamente a temática. Nele, o autor sublinha o ar familiar dos produtos lusos em ambiente espanhol, o que explicaria a sua tolerância por parte dos puristas. Observa também que, havendo decerto materiais entrados no espanhol corrente, não raro deparamos com um vocabulário de «moda momentânea», usado para tipificar modos de ser ou agir portugueses. Para a história das relações linguísticas medievais, é de interesse o apontamento seguinte: «Aunque el cast. sustituyó al galaico-port. como lengua lírica, el léxico luso debió sentirse durante mucho tiempo como poéticamente caracterizador» (p. 243).

Aspectos parciais da problemática foram estudados por Corominas (1944), Becerra Pérez (1996), Gómez Capuz (2004) e Schmid (2006). Em Portugal, só Sá Nogueira (1945/1948) se ocupou do tema. Todos esses estudos, e ainda o *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE), serão aqui referências para a pesquisa, a que se juntarão produtos de investigação própria.

Esclareça-se que caem fora do âmbito deste trabalho as influências fronteiriças do português sobre o espanhol na Península Ibérica, nas Canárias ou no continente americano. Sobre estas temáticas existe vasta bibliografia. Também não nos ocuparão os frequentes, e curiosos, *portuguesismos* lexicais ou fraseológicos detectáveis em textos em castelhano de autores portugueses renascentistas, examinados por, entre outros, Dámaso Alonso (1942).

Lusismos ou galeguismos?

No importante estudo citado, Gregorio Salvador confessa a dificuldade em distinguir um léxico de exportação portuguesa de um proveniente da Galiza, isto é, em decidir quais os *lusismos* e quais os *galeguismos*. Trata-se, de facto, no presente estágio da investigação, de um problema insolúvel. O exacto trajecto de vocábulos do ocidente peninsular rumo à Meseta é, em muitos casos, tão-só hipotético. Por isso, como Salvador, adoptaremos a designação global de *lusismos*.

Note-se, contudo, que, nesta matéria, o DRAE pratica uma nítida subordinação do galeguismo ao lusismo, dando clara preferência ao ‘português’ na atribuição de origem e adoptando por princípio uma ortografia portuguesa. Este *parti-pris* português pode explicar a estranha informação deste verbete:

Ratiño. (Del port. *ratinho*, ratoncito) m. Apodo com que se motejava a los habitantes de comarcas que limitan con Galicia.

É uma explicação, pelo menos, ambígua. Poderia entender-se que os espanhóis designavam por «ratiños» os compatriotas de regiões vizinhas da Galiza. E a pergunta é: porque usariam os espanhóis uma palavra *portuguesa*? Outra leitura pressupõe apodarem os portugueses de «ratiños» os próprios compatriotas da fronteira com a Galiza. Mas então terá de perguntar-se: que faz um vocábulo português, usado por portugueses, no dicionário oficial espanhol? Uma terceira leitura, não menos dúbia, suporia os galegos a tomarem um vocábulo *português* para com ele designarem os seus vizinhos espanhóis, quando «ratiño» é, de pleno direito, um vocábulo galego. No entendimento de Corominas (DCECH, v.s. *echar*), os portugueses apodariam assim a galegos, asturianos e transmontanos, cujos hábitos de poupança serim proaverbiais. Isto, que é concebível, não diminui o ambivalente estatuto lexicográfico do vocábulo no DRAE.

Na sua *Historia social da lingua galega*, Henrique Monteagudo comenta o baixo apreço em que os galegos eram tidos na sociedade centro-peninsular dos séculos XVI e XVII, e a incomparável estima reservada aos portugueses. Os galegos, imigrados em massa, ocupavam-se das tarefas humildes: os homens como lacaios, as mulheres nas limpezas. Os portugueses, em bem menor número, integravam-se nas altas esferas, onde eram por vezes os «meninos»¹. Gozavam de uma óptima imagem: orgulho próprio, coragem, gentileza, engenho. Não admira que, entre os galegos, alguns tentassem passar por portugueses. Monteagudo cita um diálogo de Tirso de Molina, em que um galego afirma: ‘Jamás yo mi patria niego’. Ao que um madrilenho reage: ‘Pues es no poca maravilla: / que el gallego acá en Castilla / dice que es de Portugal’ (1999: 230). Hoje, o DRAE, no tratamento de algum léxico espanhol, parece reflectir ainda, para as origens portuguesa e galega, esse diferente prestígio.

Um exame dos dados

Salvador (1967: 240) enuncia um procedimento (que deve ter-se por adequado) para a detecção e identificação de lusismos:

Si se ha comprobado que una palabra está en uso constante en port. desde el comienzo de su literatura y, en cambio, aparece en esp. en fecha claramente posterior, queda sugerida la probabilidad de un préstamo, probabilidad que se convierte en certeza si los primeros

¹ No DRAE: *Menino*. (Del port. *menino*, niño). m. Caballero de familia noble que desde muy joven entraba en palacio a servir a la reina o a los príncipes niños. *Menina*. (De *menino*). f. Dama de familia noble que desde muy joven entraba a servir a la reina o a las infantas niñas.

escritores que usaron la palabra han sido identificados por los historiadores de la Literatura como residentes en Portugal o asiduos lectores y admiradores de obras portuguesas.

Hoje, dispomos de excelentes *corpora*, com uma densidade informativa que permite graus de certeza elevados. Figuram na *Bibliografia* deste trabalho e deles merecem destaque o de Davies para o espanhol e de Davies e Ferreira para o português.

Numa apreciação global, podemos verificar que, nos lusismos, predominam os substantivos concretos, designativos de objectos de uso, culinária, vida campestre ou marítima e meteorologia. Como avisa Schmid (2006: 1789), bastantes destas formas «se usan sólo en un ámbito geográfico restringido o vienen calificadas de anticuadas [...], desusitadas [...] o poco usadas». Além disso, as noções abstractas são raridade, o mesmo valendo para os adjetivos e os verbos. Estes dados contrastam fortemente com os dos *castelhanismos* do português.² Não apenas o número destes é incomparavelmente maior, como são aí numerosíssimos os verbos e os adjetivos. Impõe-se uma constatação: o castelhano funcionou em Portugal como um *idioma de cultura*, fornecedor de novos conceitos, enquanto o português e o galego foram em Castela sentidos como *línguas exóticas*, fontes de nomes de objectos desconhecidos.³

Arrumamos abaixo, por áreas, os vocábulos castelhanos que foi possível identificar como lusismos. Vão colocadas entre ‘aspas’ as palavras cuja origem *galega* parece incontroversa, devendo ter procedido igualmente do galego algumas das restantes.

OBJECTOS

bandeja, bengala, biombo, ‘botafumeiro’, catre, ‘chaira’ (tipo de faca), corpiño, garrafa (para resfriar bebidas), lacre, nonius/nonio, vaivén (mecanismo), vajilla, vitola (<bitola)

CULINÁRIA

caramelo, ‘filló/filloa’, lacón (‘pernil de porco’), mermelada, payo, ‘queimada’ (tipo de bebida)

VIDA CAMPESTRE

alecrín, ‘bosta’, broa, chocallo, choza, ‘grelo’, ‘pazo’, tanque (depósito)

VIDA MARÍTIMA, METEOROLOGIA

² Sobre esta problemática, ver o meu trabalho (Venâncio, 2008).

³ Atente-se, para mais, no aviso de Corominas (1944: 142) de um insuficiente conhecimento das falas leonesas poder levar a supor galeguismos ou lusismos no que serão meros ‘occidentalismos’ do castelhano.

angra, baliza, bucio, calmaría, carabela, cerrazón, ‘chubasco’, escarceo, jangada, jeito (tipo de rede)⁴, junco (tipo de barco), lancha, marejada, monzón, pleamar, vigía

ANIMAIS TERRESTRES

chamariz (ave), cobaya, cobra (tipo de serpente), macaco (tipo de símio), macho, pardela (ave)

ANIMAIS MARINHOS

‘almeja’ (<ameija), cachalote, cardume(n), ‘mejillón’, ostra, perca, ‘vieira’

PESSOAS

‘conselleiro’, ‘meiga’ (‘mulher de virtude’), mandarín

MÚSICA

‘cantiga’, fado, ‘muiñeira’, ‘sarao’ (<serao)

SUBSTANTIVOS (vária)

barullo, despejo, farra, laya (<laia < lãa), mimo, ‘morriña’, pendencia

ADJECTIVOS

barroco, chato (‘achatado’), desvaído (<esvaído), mimoso, placentero (<prazenteiro), saudoso, soturno

VERBOS

afeitar, chamuscar, desenfadar, despejar, enfadar

Comentário aos dados

Reparemos, primeiro, na multiplicidade dos termos marítimos e afins. Vários deles foram trazidos pelo português de idiomas não europeus, sobretudo asiáticos (como *bengala*, *biombo*, *jangada*, *lancha*, *mandarín*). Mas é notória a quantidade dos de origem peninsular, na realidade os mais antigos, o que acha explicação no reduzido contacto do castelhano inicial com a costa. Como lembra Corominas (1944: 242), a orla marítima de fala castelhana, até à tomada da Andaluzia no século XIII, reduzia-se à curta linha entre Santander e Bilbao.

No sector dos objectos, deixámos por citar vocábulos desusados ou de restritíssimo uso, mas que o DRAE assinala como lusismos, como sejam *abano*, *brinquiño* (tipo de jóia), *caneca / caneco*, *cotobelo* (certo mecanismo) ou *chumacera*.

⁴ No Dicionario Galego de Ir Indo: «*Ao xeito s m* Arte de pesca que consiste nunha rede longa que se estende no mar durante horas ata que a sardiña queda atrapada nela».

A tradicional atribuição de origem portuguesa para *volcán* foi competentemente denunciada por Colón (2002: 436-453). Também os esp. *menina* e *menino*, atribuídos habitualmente (entre outros por Corominas) ao português, encontraram em Chamorro (1988) um historial autóctone. Segundo ele, os dois vocábulos provêm do espanhol antigo, daí passaram ao português (onde substituíram os já correntes *meninha* e *meninho*, hoje conservados no galego) enquanto perdiam vigência em espanhol (desalojados do uso por *chico* e *pequeño*), e acabaram nele reintroduzidos, agora como lusismos.

No referente a *sarao*, importa recordar que o gal. *serao* (ou *serán*), de onde o espanhol deriva, é sinónimo de *tardiña*, período que vai do pôr-do-sol ao escurecer, enquanto o port. *serão* se inicia com o escurecer e vai até ao deitar. Além disso, e mais importante, o esp. *sarao* (1513) e o port. *sarau* (1520), ‘concerto musical nocturno’, são contemporâneos, tudo levando a crer que o termo português é, na realidade, um espanholismo. Um outro regresso ao português é descrito por Malkiel (1944). O port. ant. *peendença* (‘penitência’) esteve na origem do esp. *pendencia*, depois adoptado pelo idioma inicial como *pendência*.

Quanto ao esp. *barullo* (sinónimo de *confusión*), ele tem atestação de 1532, antes de haver notícias do termo em português, sendo portanto muito admissível uma origem galega, ficando contudo por esclarecer a cronologia da aceção de ‘ruído’ em galego e português. Já o esp. *saudade*, de indubitável proveniência galega e portuguesa, é de uso raríssimo, e mais propriamente antropológico. Outros, como *pancada* ou *vergoña*, também de atribuição portuguesa, perderam de há muito qualquer uso. E quanto a *mimo*, mais o adjectivo *mimoso*, eles provieram de facto do português, mas tanto *mimar* como *mimado* foram criação espanhola, que o português depois aproveitou.

Em matéria de verbos, sublinhe-se o facto de os gal. e port. *afeitar* e *afeitado* terem sido correntes nos séculos XIV e XV (com o significado de ‘mudar a aparência’, ‘retocar’), havendo deles então em espanhol tão-só aparições esporádicas. Pois bem, tais formas ganharam pujança no espanhol do século XVI, gradualmente adquirindo o significado de ‘fazer a barba’, enquanto desapareciam simplesmente do português.

As formas *enfadar* ‘desanimar’ e *enfadado* ‘desanimado’, frequentes em galego e português desde o século XIII, irromperão no espanhol de Quinhentos, trazendo o valor, entretanto adquirido em português, de ‘desgostar’, ‘desgostado’. Também *desenfadar* ‘divertir’, uma criação portuguesa do século XV, dará entrada no espanhol. Em Quinhentos, o português cria *enfadonho* e o espanhol *enfadoso*. É então que surge em espanhol o substantivo abstracto *enfado*, adoptado pelo português de Seiscentos no seu valor de ‘fastio’ (e não de ‘zanga’). Também as criações quinhentistas espanholas *desenfado* ‘desembaraço, diversão’ e *desenfadado* passarão em Seiscentos ao português. Nesta família lexical, temos assim, nitidamente desenhada, uma cronologia do domínio linguístico: ocidental primeiro, central-peninsular depois.

Deixámos por referir outros lusismos verbais, de baixíssima frequência, como *descangallar* ou *descangayar*, provindo de *escangalhar*, ou *vigiar*, ou ainda *virar*, um termo de técnica marítima.

Finalmente, e na esfera da morfologia, é corrente aduzir o advérbio *aindamáis*. Sobre ele, o DRAE informa: «*aindamáis* (del gall. o port. *ainda mais*) 1. adv. c. fest. coloq. Aun más, además». Em território espanhol, e dando fé aos *corpora*, a primeira e única ocorrência do vocábulo é de 1927, num romance de Eugenio Noel. De resto, só em escassas obras peruanas é encontrável.

Uma locução problemática: *echar de menos*

Peculiaríssimo é o caso de *echar de menos*, largamente tido como provindo do port. e gal. *achar menos*. Corominas (DCECH, v.s. *echar*) defendeu convictamente esta etimologia, também aceite por Salvador (1967), Lapesa (1981) e o DRAE. Segundo Corominas, persiste nesse *menos* o valor latino de pura negação, equivalendo *achar menos* a ‘não achar’. Segundo ele, os parcimoniosos galegos e asturianos, ao receberem o soldo em Castela, costumariam *achar menos* no momento de «*echar sus cuentas*», nisso descortinando o dicionarista «un proceso vivo y humano». A locução galega teria sido entendida por castelhanos como *echar menos*, que primeiro suplantara o antigo *hallar menos* («más intelectual y menos sugestivo») e seguidamente se tornaria *echar de menos*, por analogia com *de más*.

Esta cadeia de suposições é inteiramente desarticulada por Colón (1989), que submete a locução espanhola a minucioso exame histórico. Lembra, primeiro, que a etimologia galega não possui comprovação documental nem foi aduzido «motivo verosímil» para a passagem de *hallar* a *echar*. Para mais, destaca Colón, *echar de menos* sempre visou pessoas, ou animais, nunca objectos, como o dinheiro. Demonstra-se, seguidamente, a antiguidade peninsular de *hallar menos*, que ainda sobreviverá dois séculos ao lado de *echar de menos*. Mostra-se, ainda, como o gal. e port. *achar menos* não só nunca foi frequente, como aflorou sempre em clara contiguidade castelhana. Irá desaparecer a partir de Quinhentos, nunca tendo implicado contagem de dinheiro ou calculo de perdas. Assim vemos esfumar-se um quase mítico lusismo.

Quanto ao processo em espanhol, também ele é exposto por Colón: *hallar menos* foi-se tornando pouco transparente, motivo por que *hallar* se viu em competição com *echar*, «que es, entre los verbos españoles, el que posee más vitalidad y una capacidad portentosa de introducirse en tantísimas perífrases verbales» (pág. 231). Desta versatilidade (ou ‘polisemantismo’) de *echar* aduz o autor abundante amostragem. A nova locução *echar menos* iria tornar-se *echar de menos*. Colón limita-se a datar esta forma (1595), vincando a sua fraca motivação para o falante actual, que crescentemente prefere *echar en falta*.

Um caso singular: *soturno*

Foi importantíssima a influência ‘latinizante’ do espanhol sobre o português renascentista (Venâncio, 2008). Bem mais modesta foi essa influência no sentido contrário, do português sobre o

espanhol. No terreno do adjectivo, pude identificar alguma antecipação portuguesa no *Leal Conselheiro* (*solícito* e *soturno*) e nos *Lusíadas* (*canoro, fatídico, grandíloquo, esquálido, estridente, fêrvido, nítido, ovante, plúmbeo* e *sibilante*).

Um desses adjectivos, *soturno*, merece um detido tratamento. O dicionário Houaiss informa:

soturno *adj.* (sXV cf. FichIVPM) 1 que não possui alegria e vivacidade; melancólico, tristonho, taciturno 2 que parece estar eternamente envolto em trevas; escuro, sombrio, grave 3 que infunde medo ou pavor; lúgubre, assustador, sinistro □ *adj.s.m.* 4 (1899) que ou o que é quente e abafado (diz-se do tempo); mormaço □ *s.m.* 5 falta de claridade; escuridão, treva 6 *B infm. obsl.* guarda-noturno □ ETIM alt. de *Saturno* 'nome do planeta' (< mitôn. lat. *Saturnus, i*), pois conforme os astrólogos, as pessoas nascidas sob o influxo desse planeta têm características melancólicas; cp. *saturno*.

soturnidade *s.f.* (1899 cf. CF¹) característica do que é soturno; *soturnez* □ ETIM *soturno*+*-i-*+*-dade*

Por sua vez, o DRAE anota: «*soturno, -na*. 1. *adj. saturnino*», e remete para esta última entrada, onde lemos

saturnino, -na. (De *Saturno*). 1. *adj.* Dicho de una persona: Triste y taciturna. 2. *adj. Med.* Dicho de una enfermedad: Producida por intoxicación con una sal de plomo. 3. *adj. Quím.* Pertenecente o relativo al plomo.

Constatamos, pois: o adjectivo *soturno* é um vocábulo português com estatuto próprio, já atestado no século XV e possuidor de alguma derivação, *soturnidade, soturnez*. No DRAE, *soturno* é nitidamente subordinado a outro vocábulo, *saturnino*, e nem um nem outro apresenta derivação. O excelente dicionário Espanhol-Português de Iriarte não tem sequer uma entrada *soturno*, e acerca de *saturnino* afirma-se: «*adj. saturnino (do chumbo)*».

O dicionário da Porto Editora, porém, após descrição semântica em tudo comparável à do Houaiss, informa: “pelo cast. *soturno*, «*taciturno; melancólico*»”. Esta inesperada sugestão de uma via castelhana convida a uma detida investigação.

Surge uma primeira perplexidade. O latim desconhece qualquer adjectivo *soturnus*. O francês não tem *soturne*, nem existem em italiano *soturno* ou um pensável *sotorno*.⁵ Quem teria, pois, inventado o adjectivo: um português ou um castelhano?

⁵ O Google Books dá indicação de várias ocorrências de *soturno* na Divina Comédia. Trata-se de deficiências de *scanning*. Assim, onde Dante escreveu «I Poeti son fermi al sommo della scala», o *scanner* lê «al *soturno* della scala». E a passagem «che fu *sommo* cantor del *sommo* Duce» passa a «che fu *soturno* cantor del *soturno* Duce».

Os dois mais importantes *corpora* do espanhol presenteiam-nos com dados inteiramente díspares. O *corpus* de Davies alinha 7 ocorrências de *soturno*, todas no Cancioneiro de Baena (1445 ou pouco antes). Mas é nítido que o vocábulo é aí um substantivo, mais exactamente uma variante do nome do planeta Saturno. Já o CORDE fornece um total de 9 atestações do adjectivo *soturno*: 4 vezes em obras de Ramón del Valle-Inclán (num livro de 1927 e outro da mesma época), 1 vez numa narrativa de 1938 do cubano Enrique Serpa e 3 vezes numa colectânea poética de Dámaso Alonso, *Hijos de la ira*, de 1944. Compreendemos que o DRAE não conceda ao vocábulo uma entrada de pleno direito.

Tudo isto não impossibilitaria que o vocábulo tivesse passado, num dia longínquo, do castelhano ao português. Sabe-se, com efeito, como o português fez seus e preservou numerosos vocábulos castelhanos tornados obsoletos no país de origem. São exemplo os adjectivos *ardiloso* ('astuto'), *atarantado* ('aturdido'), *carnudo* ('carnoso'), *pachorrento* ('pachorrudo'), *ressequido* ('seco por accidente') ou ainda o latinismo *solerte* ('sagaz').

A mais antiga atestação do adjectivo *soturno*, constatamo-lo, dá-se num livro português. Trata-se do *Leal Conselheiro*, obra do rei Dom Duarte, escrita por volta de 1438. Aí fala o autor, a certa altura, de indivíduos «tam soturnos, tristes e ásperos que com alguém nom podem conversar».

Século e meio depois, por 1590, o vocábulo volta a encantar um escritor, Fernão Cardim, que qualifica certo lugar como «baixo, manencolisado e soturno». No século XVII, um também obscuro autor fala dum «soturno inverno». E só o romântico Alexandre Herculano voltará a servir-se dele, em seis ocasiões. Eça de Queirós há-de render-se às suas sombrias graças, utilizando-o 22 vezes, aduzindo um «casarão soturno», um rancor «soturno», «rocha, matagal, ribas soturnas» ou, no *Padre Amaro*, um expressionista «Sua excelência grunhia apenas monossílabos soturnos». Já então brasileiros e portugueses o usavam com prazer e fecundidade.

De *soturnidade* há ocorrências nesse mesmo século XIX, sendo a mais célebre a passagem do poema *O sentimento dum ocidental*, de Cesário Verde, de 1880, «Nas nossas ruas, ao anoitecer, / há tal soturnidade, há tal melancolia...». Fora do português, esse substantivo só foi assinalado numa narrativa, de autora cubana, do século XX.

Não estranhará que um confesso admirador (e tradutor) de Eça de Queirós, como foi Valle-Inclán, escritor galego de língua castelhana, refira por duas vezes um «gesto soturno», das quatro em que usa o vocábulo.⁶ Mais notória é a presença, em 1933, do adjectivo num dicionário galego, de Leandro Carré. Nesse *Diccionario galego-castelán* (que terá reedições até 1972), o vocábulo *soturno*, tranquilamente autóctone, é traduzido por «sombrio, triste».

Autóctone, sim. Em 1926, usara-o também Rafael Dieste no seu livro *Antre a terra e o ceo*, umas «prosas de mocidade». O autor refere aí certa personalidade que chama *inquietante* (inquietante), acrescentando que «inquietante non sempre ha de significar soturno, treboento nin

⁶ Sobre o tema (ainda pouco esclarecido) de Valle-Inclán e a língua galega, leia-se o artigo de Rosario Mascato Rey (http://www.fl.ul.pt/dep_Romanicas/auditorio/actas.htm), «Valle-Inclán e a Galiza: um estado da questom».

tremebundo». Isto mostra que *soturno* tem, nesse momento, tanta naturalidade em galego que aparece como primeiro sinónimo para *inquedante*.

Mas há mais. As bases de dados galegas mostram que, pelo menos desde então, o termo veio sendo usado com alguma frequência (o TILGA contém 41 ocorrências), o que pode significar que *soturno* deita raízes profundas em galego também. Tão profundas que poderão ter corrido paralelas às do português. Se, pois, *soturno* pertencer ao rico fundo lexical galego e português, falta descobrir quem o fabricou: uma cabeça coroada no século XV português, ou algum discreto monge galego tempos antes. O modo natural como o rei Duarte usa o termo sugere alguma circulação, e porventura certa antiguidade. Se foi Valle-Inclán quem trouxe o vocábulo para âmbito castelhano, terá de concluir-se que *soturno* é, em espanhol, um galeguismo.⁷

Fonte actual da difusão de *soturno* em ambiente espanhol poderão revelar-se as traduções da obra de José Saramago. Logo na segunda frase de *El año de la muerte de Ricardo Reis* (ed. esp. 1985), achamos «Un barco oscuro asciende entre el flujo *soturno*». No mesmo romance, aparecem «Cuando Ricardo Reis entra en la sala ve sólo algunas personas *soturnas*», «y ambos eran *soturnos* como insectos» e «sale de su casa, un poco *soturna* pese a los cuidados y desvelos de Lidia». Noutro romance, *La caverna* (2001), damos com «enormes extensiones cubiertas de plástico, bazas por naturaleza y *soturnas* de suciedad» e «esta especie de campamento *soturno*».

Em matéria de derivações desse vocábulo, depara-se-nos em *Memorial del convento* (1986) com «cuando *soturnamente* calles y plazas se llenan de multitudes», e em *El evangelio según Jesucristo* (1998) com «muy competentes para reducirlo a una *soturnidad* irremediable». Num original espanhol, o único exemplo anterior de uma derivação figurava no romance *Miau*, de Benito Pérez, de 1888, onde se lê: «Es verdad – dijo *soturnamente* –; pero ahora... ahora debemos confiar... Dios no nos abandonará».

Consideração final

Parece patente que a absorção pelo espanhol de materiais galegos e portugueses se fez quase unicamente de lexemas isolados, portanto meramente casuais. A derivação revelou-se sempre fracamente produtiva: *despejo* e *despejar*, *enfadar* e *desenfadar*, *mimo* e *mimoso*. Isto reforça a minha apreciação de terem o galego e o português, no léxico espanhol, um estatuto de ‘línguas exóticas’.

Estamos, aqui, muito longe das características do tráfico contrário. Com efeito, o português tomou do espanhol famílias lexicais inteiras. Sejam exemplos *deslumbre*, *deslumbrar*, *deslumbramento*, *deslumbrante*; ou *tino*, *atinar*, *atinado*, *desatino*, *desatinar*, *desatinado*; ou *empenho*,

⁷ Corominas (1944: 215-216) localizou *soturno* na Venezuela. Afirma ainda: «El área del vocablo en la Península es claramente occidental (también gallego *soturno* ‘sombrio, triste’)». No *Boletín de la Real Academia Española* (t. IV, 1917, pág. 104), num artigo de José Amenay, sobre palavras estremenhas, lemos: «*soturno*, adj. Dicho del día nublado, tristón».

empenhar, desempenho, desempenhar; ou pólvora, polvorim, polvoroso, (a) polvorosa, polvilho; ou galã, galanteio, galantaria, galantear, galanteador. Casos semelhantes verificaram-se às dezenas.

Seria, pois, leviano e pouco científico sugerir um nível de relevância análogo para os dois tráficos. Pelo contrário, impõe-se a constatação de os materiais galegos e portugueses ocuparem, na paisagem lexicográfica espanhola, um nicho modestíssimo, em nada comparável ao dos italianismos e dos galicismos, que, esses sim, tiveram papel central na configuração histórica do espanhol.

Bibliografía

Dicionários

Alonso, Martín (1986): *Diccionario medieval español*, Salamanca: Universidad de Salamanca.

Corominas, Joan / Pascual, José A. (1980): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (DCECH), Madrid: Gredos.

Cunha, Antônio Geraldo da (2007): *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (cd-rom).

González, Manuel / Santamarina, Antón (coords.) (2004), *Vocabulario ortográfico da lingua galega (VOLGa)*, A Coruña/Santiago: RAG/ILG.

Houaiss, António / Villar, Mauro de Salles (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro (ed. portuguesa recenseada por Fernando Venâncio, *Expresso/Actual*, 6-XI-2004).

Ir Indo (2008): *Diccionario de galego, digalego.com/diccionario*.

Iriarte Sanromán, Álvaro (2008): *Dicionário Espanhol-Português*, Porto: Porto Editora.

Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3ª ed., Lisboa: Livros Horizonte.

Messner, Dieter (1976): *Dictionnaire chronologique des langues ibéroromanes*, Heidelberg: C.Winter.

Porto Editora (1996): *Dicionário da Língua portuguesa*, Porto.

Real Academia Española (2001): *Diccionario de la lengua española*, 22ª ed., Madrid.

Santamarina, Antón (s.d.): *Diccionario de dicionarios*, Santiago de Compostela: Biblioteca Filolóxica Galega (cd-rom).

Corpora (consultados em Outubro de 2009)

Centro Ramón Piñeiro, *Corpus de referencia do galego actual* (CORGA), corpus.cirp.es/corgaxml/

Davies, Mark, *Corpus del español*, www.corpusdelespanol.org/x.asp

Davies, Mark / Ferreira, Michael J., *O corpus do português*, www.corpusdoportugues.org/x.asp

Instituto da Lingua Galega, *Tesouro informatizado da lingua galega* (TILGA), www4.usc.es/TILG

Micronet S.A., *Archivo Digital de Manuscritos y Textos Españoles* (ADMYTE),
<http://www.admyte.com/home.htm>

Real Academia Española, *Corpus de referencia del español actual* (CREA), corpus.rae.es/creanet.html

Real Academia Española, *Corpus diacrónico del español* (CORDE), corpus.rae.es/cordenet.html

Universidade de Aveiro, *Corpus Lexicográfico do Português I* (DICI), clp.dlc.ua.pt/DICIweb

Universidade de Coimbra, *Corpus electrónico do Português do período clássico* (CELGA),
www1.ci.uc.pt/celga/servicos/sec-ppc.htm

Universidade Nova de Lisboa, *Corpus informatizado do português medieval* (CIPM), cipm.fcsh.unl.pt

Monografías e artigos

Alonso, Dámaso (1942): «Problemas del castellano vicentino». In: Gil Vicente, *Tragicomedia de Don Duardos*, Madrid.

Becerra Pérez, Miguel (1996): «Portuguesismos, occidentalismos, catalanismos, orientalismos, etc.: historia lingüística y geografía lingüística». In: *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera*, Cáceres: Universidad de Extremadura, págs. 469-492.

Chamorro Martínez, José María (1988): «Acerca de *menino* y *mínimo*: notas sobre su origen». In: M. Ariz e.a. *Actas del I Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española* (Cáceres, marzo-abril de 1987), Madrid: Arcos Libros, págs. 797-783.

Colón, Germán (1989): «*Echar de menos* y catalán antiguo *trobar menys*». In: *El español y el catalán, juntos y en contraste*, Barcelona: Ariel, págs. 205-233.

— (2002): *Para la historia del léxico español (II)*, Madrid: Arco Libros.

Corominas, Joan (1944): «Estudios de lexicografía hispanoamericana e Occidentalismos americanos». In: *Revista de Filología Hipánica*, 6, págs. 1-35, 139-248.

Gómez Capuz, Juan (2004): *Los préstamos del español: lengua y sociedad*, Madrid: Arco Libros.

Lapesa, Rafael (1981): *Historia de la lengua española*, 9ª ed., Madrid: Gredos.

Lorenzo, Ramón (1968): *Sobre a cronologia do vocabulário galego-português*, Vigo: Galaxia.

Malkiel, Yakov (1944): «Three Spanish-Portuguese etymologies». In: *The Romanic Review*, XXXV, 307-323.

Monteagudo, Henrique (1999): *Historia social da lingua galega. Idioma, sociedade e cultura a través do tempo*, Vigo: Galaxia.

Nogueira, Rodrigo de Sá (1945/1948): «Palavras castelhanas de origem portuguesa». In: *Boletim de Filologia*, 8 (1945), 1-56, 185-236, 357-364; 9 (1948), 197-228, 321-339.

Salvador, Gregorio (1967): «Lusismos». In: *Enciclopedia lingüística hispánica*, vol. II: *Elementos constitutivos. Fuentes*, Madrid, págs. 239-261.

Schmid, Beatrice (2006): «Contactos lingüísticos interrománicos en la Península Ibérica». In: *Romanische Sprachgeschichte*, vol. 2, págs. 1785-1800.

Venâncio, Fernando (2008): «A castelhanização renascentista do léxico português». In: Tobias Brandenberger e.a. (orgs.), *A construção do outro: Espanha e Portugal frente a frente*, Tübingen, Calepinus Verlag, 2008, pp. 109-130.